

A110. 945

Sexta-feira, 19 de fevereiro de 1982

FOLHA DE S. PAULO

O PIB caiu 4,7% no ano passado

Índice "oficial" de 3,6% resultou de um compromisso de Delfim com a FGV

J. CARLOS DE ASSIS

RIO — A revista "Conjuntura Econômica" deve circular hoje com a primeira estimativa "oficial" da queda do PIB no ano passado, mas apresentará um número menor (3,66%), que não foi o originalmente apurado pela Divisão de Contabilidade Social da FGV — Fundação Getúlio Vargas, e sim o resultado de um compromisso com o ministro do Planejamento, Delfim Neto, que discordou dos 4,7% negativos inicialmente apresentados.

Está é a segunda vez que o prestígio e a confiabilidade da FGV, a mais antiga instituição de pesquisa econômica no País, saem arranhados em face das exigências do sr. Delfim Neto. Da primeira, em 1973, o Ibre — Instituto Brasileiro de Economia teve de "engolir" na elaboração de seu índice de preços, que marca a inflação oficial no Brasil, um conjunto de preços administrados, artificialmente baixos, quando os níveis de mercado estavam notoriamente mais elevados.

Desta vez, contudo, como se exigia uma falsificação mais grosseira, porque não se pode administrar diretamente da Seplan as ponderações do PIB, o ministro recorda a seu fiel escudeiro estatístico, que nomeou para o IBGE no lugar do professor Issac Kerstenetzky (o qual, por sua vez, teria granjeado as antipatias do sr. Delfim Neto exatamente por causa de sua renitente atitude de jamais sonegar ao público as informações produzidas pelo instituto e, ao contrário, promover amplamente sua divulgação).

o atual presidente, professor Jessé Montelo, não se fez de rogado. Para calcular o PIB, a FGV depende de estatísticas primárias levantadas pelo IBGE, e a primeira providência foi retardar a divulgação de algumas delas — inclusive dos indicadores da produção industrial, liberados para o público somente ontem. Mas como, bem ou mal, era possível inferir o comportamento aproximado da indústria pelo que já foi divulgado antes, foi necessário, além disso, anunciar como pouco confiáveis os

próprios indicadores, por questões metodológicas.

Os indicadores mostraram uma queda da produção industrial de quase 10%, mas eles já não servem mais para o IBGE, que está realizando uma pesquisa diferente, por amostragem, que ficará pronta apenas em abril. Até lá, não teremos estimativa oficial do PIB — ou seja, a Seplan não oficializará nem mesmo o número de compromisso que acertou com a FGV, apesar da resistência de alguns honoráveis dirigentes dessa instituição em dobrar a espinha.

Diante do poderoso ministro, contudo, é muito difícil resistir, mesmo porque a Fundação Getúlio Vargas, com seus quadros superiores muito bem remunerados, depende financeiramente do governo. Entre a pressão política e a consciência profissional e acadêmica, o atalho mais rápido é o da omissão. Assim, o diretor do Departamento de Estudos e Pesquisas, Julian Chacel, simplesmente evita falar sobre o assunto ou atender jornalistas.

Já o diretor da Divisão de Contabilidade Social, Angelo Jorge de Souza, entrou em férias justamente neste período crítico; o mesmo ocorreu com o responsável direto pelos cálculos do PIB, chefe do Centro de Contas Nacionais, Ralph Miguel Zerkowski. E, coincidência ou não, também o editor de "Conjuntura Econômica", Paulo Rabelo de Castro, decidiu tirar também um período de férias exatamente na semana em que os originais das contas do PIB chegariam a suas mãos para publicação.

O único grave problema dessa respeitosa omissão, diante do teste de força entre o ministro e a cúpula da FGV, é que ela aumenta o grau de suspeição em torno do escabroso assunto. O que, aliás, vem sendo uma constante desde o início do ano, quando o ministro Ernane Galvêas — talvez por ter interpretado mal o número de compromisso — chegou a anunciar que o PIB havia crescido 3,5%, e não caído. Como isso já era demais, o sr. Chacel houve por bem prestar logo um esclarecimento. Talvez outros venham.

Não é o que parece

Já se sabe que o ministro Delfim Neto, avisado dos números reais do desempenho da economia, 4,7% negativos, determinou à Fundação Getúlio Vargas silêncio total. E mais, mandou que fossem revistos todos os cálculos, avisando: "Eu falo com o Luís Eulálio (presidente da Fiesp) e ajeitamos tudo. Depois entra o Gustavo (assessor da Seplan) no circuito e acerta o resto com a imprensa." Para tanto, foi reunido o "conselho dos sábios", professores conceituados, que trabalham na FGV desde os tempos da democracia. O máximo que o "conselho de sábios" conseguiu foi reduzir — tira daqui, tira dali, — para 3,66 negativos um número que lembra a besta do Apocalipse. O ministro determinou que ninguém fale antes dele. E foi tentando, para tanto, uma espécie de compromisso de silêncio, ao qual pelo menos o prof. Octávio Gouvêa de Bulhões reagiu. O ministro da Fazenda de Castelo Branco sempre falou pouco, mas não admite juramento de ficar calado.

(J.S./R.)